

CARIBÉ; Maria Fernanda Silva¹, ARAÚJO; Bruna Sueli Aguiar Pereira², ARAÚJO; Alicia Sueli Aguiar Pereira Araújo³, SOBRAL; Joaquim Sabino Ribeiro Chaves⁴, SILVA; Anna Emília Sousa da⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) tratável, mas crônica, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, que afeta sistemicamente o organismo, com repercussões nos sistemas tegumentar, linfático, nervoso, cardiovascular e ósseo. Quando uma mãe é infectada com a doença durante a gravidez, ela pode transmitir a infecção ao feto, caso não ocorra o diagnóstico e tratamento adequados. Estudos constataram que bactérias causadoras da sífilis congênita, doença de notificação obrigatória, estão presentes no feto a partir da nona semana de gestação. Este estudo tem como objetivo avaliar os indicadores epidemiológicos relacionados à sífilis congênita e materna no Nordeste entre os anos de 2013 e 2022, demonstrando a importância dessa abordagem. **OBJETIVO:** Analisar as características maternas dos casos de sífilis congênita no Nordeste entre os anos de 2013 e 2022. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo ecológico, observacional e temporal dos dados maternos dos casos de sífilis congênita, utilizando como fonte de dados as notificações da doença na região Nordeste no período de 2013 a 2022. A estratificação dos dados ocorreu por: faixa etária da mãe, raça/cor materna, escolaridade da mãe, tratamento do parceiro, realização do pré-natal e momento do diagnóstico. Os dados referentes ao número de casos de sífilis congênita foram obtidos na seção do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) disponibilizado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Os dados de nascidos vivos foram obtidos no Sistema Nacional de Informações de Nascidos Vivos (SINASC). Os dados são secundários e de domínio público, por isso a pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa. **RESULTADOS:** No presente estudo, observou-se a notificação de 65.960 casos de sífilis congênita na região Nordeste entre os anos de 2013 e 2022, com uma taxa média de incidência, no período estudado, de 8,3 casos a cada 1.000 nascidos vivos ao ano, com desvio padrão de aproximadamente 1,57. Foram analisados os dados maternos relacionados a esses 65.960 casos notificados e constatou-se que, de acordo com a raça/cor, 47.554 mulheres foram declaradas pardas, o que equivale a 72,1% do total. Segundo a faixa etária, 53% das mulheres tinham entre 20 a 29 anos. De acordo com o nível de escolaridade materna, a maioria dos casos de sífilis congênita ocorreram em mães que possuem da 5ª a 8ª série do ensino fundamental incompleta, as quais representam 29% do total. Já aquelas com ensino superior completo correspondem a 0,7% do total de casos. Além disso, vale ressaltar a porcentagem de mulheres que tiveram essa informação ignorada ou em branco, as quais somam 22,3% do total. Verificou-se que 79,7% das mulheres realizaram o pré-natal e que 48,7% do diagnóstico de sífilis materna ocorreu durante esse período, equivalendo à maioria. Sobre os dados referentes ao tratamento do parceiro, apenas 17,5% realizaram o tratamento de forma adequada. **CONCLUSÃO:** A partir da análise de dados maternos referentes à sífilis congênita ao longo de 10 anos, o presente estudo permitiu observar que o perfil epidemiológico mais prevalente foi de mulheres pardas, entre 20 e 29 anos, de baixa escolaridade, que realizaram o pré-natal, sendo diagnosticadas durante esse período, cujos parceiros, em sua maioria, não realizaram o tratamento preconizado. Verificou-se, por fim, que a sífilis continua sendo um problema de saúde pública e, para além disso, representa um retrato das desigualdades social, racial e de gênero

¹ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, mfsocaribe@gmail.com
² Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, brunasueli.aguiar@hotmail.com
³ Universidade Tiradentes, alicia.aguiar@souunit.com.br
⁴ Universidade Federal de Sergipe, joaquim-sobral@hotmail.com
⁵ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, annasilva20.2@bahiana.edu.br

no Brasil. Dessa forma, o sistema de saúde deve ser reorganizado para melhorar e garantir tanto o acompanhamento da gestante quanto do recém-nascido e também dos parceiros sexuais dessas gestantes.

PALAVRAS-CHAVE: Congênita, Mãe, Materna, Nordeste, Sífilis

¹ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, mfscaribe@gmail.com
² Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, brunasuelli.aguiar@hotmail.com
³ Universidade Tiradentes, alicia.aguiar@souunit.com.br
⁴ Universidade Federal de Sergipe, joaquim-sobral@hotmail.com
⁵ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, annasilva20.2@bahiana.edu.br